

*Entrevista de Hans Ulrich Gumbrecht**

JULIO BENTIVOGLIO

Universidade Federal do Espírito Santo

THIAGO VIEIRA BRITO

Universidade Federal do Espírito Santo

Thiago V. Brito: A estética da recepção enquanto proposta interpretativa de textos foi rejeitada por você ainda na década de 1970. Em seu livro *Funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa*, publicado em 1978, fica explícita sua preocupação com a interpretação de textos históricos. Pensando sobre essa preocupação naquele momento de sua carreira, é possível afirmar que seu percurso intelectual trilhou nos últimos trinta anos um caminho em direção aos dilemas da história que viria a resultar no livro *Em 1926?*

Gumbrecht: Na realidade, eu devo ser o único professor de literatura que nunca quis fazer poesia. Nunca tive ambição de ser escritor. Nunca achei ruim, mas eu não sou o típico professor de literatura que faz tudo isso por amor à vida. Nem sei exatamente porque eu escolhi a literatura. Eu descobri pessoalmente, uma coisa não programática bastante cedo, que o meu vazio maior é o passado. Nesse sentido que aquele desejo básico de se estar aprofundando, de se fazer uma imersão no momento do passado, esse seria o meu sonho básico e, portanto, aprecio também a argumentação da filosofia, mas não apenas da filosofia da história do tipo hegeliano, também me interessa a convergência entre problemas do passado de um lado e a conceitualização mais geral da história, de outro. São as duas coisas que mais gosto. Foi nesse sentido que eu achei atraente, em Constança, aquele texto de meu orientador cujo nome não menciono por causa da sua biografia. Aquele

* Entrevista realizada em 7 de setembro de 2013 e aprovada para publicação em 20 de setembro de 2013.

texto famoso *Manifesto da estética da recepção: História literária como desafio da teoria literária*. Eu achei interessante e fascinante, porque propunha passando pela literatura o reconstruir de situações históricas, com as posições da recepção, etc. Nesse sentido, a energia do meu trabalho é muito mais daquele fascínio pelo passado, do que pela estética. Gosto da estética, é um campo fascinante, mas o passado é mais interessante em primeiro lugar. Foi uma coisa não programática, mas que eu estava descobrindo cada vez mais.

Nesse sentido que eu acho que *Em 1926* foi talvez meu primeiro livro americano, totalmente escrito nos Estados Unidos, e também o primeiro livro com uma liberdade completa. Já não tinha que me qualificar e já tinha um certo reconhecimento profissional, então acho que era tempo de fazer alguma coisa completamente louca e nova. Completamente louca no sentido de um aspecto que eu gosto, isto é, uma imersão completa no passado. E ao momento de escrever, eu não tinha nada de teoria de presença, filosofia de presença, mas você tem razão nesse sentido, quando diz que é teu livro preferido. Eu não gosto quando as pessoas dizem isso, porque nós sempre queremos que o último livro seja o preferido.

Julio Bentivoglio: Mas é porque a gente não leu o último ainda, *Graciosidade e Estagnação*.

Gumbrecht: Mas eu pessoalmente acho que é *Depois de 1945*. Mas em todo caso se eu pudesse falar, como no caso do Heidegger, de uma virada, é aquele, *Em 1926*. Então isso confirma aquele meu fascínio básico com o passado. Em segundo lugar acho sintomático que o começo realmente do meu projeto intelectual individual, o que faço hoje, começou naquele livro. Mas pensando retrospectivamente, eu já me preocupava de conceitualizar isto. É claro que tem aquela introdução, embora seja no último capítulo, sobre *depois de aprender com o passado*, mas em todo caso é uma tentativa de uma imersão completa no passado.

Julio Bentivoglio: Há uma presença da literatura ali? De onde veio à inspiração para o formato do *Em 1926*? Eu, por exemplo, penso no Cortázar com *O jogo da amarelinha*.

Gumbrecht: É uma intuição certa, poderia ser Cortázar com esse romance que ele fez. Mas, ali o problema foi o seguinte: *como evitar a narração*? Pois é claro eu não queria fazer uma história nesse sentido. Ponto. Eu me lembro de um seminário que eu participei em 1991 e não sabia como fazer. Minha intuição foi então inspirar-me naquele *noticiário cotidiano* de Flaubert. Aquela produção de lugares comuns que ele fazia, que basicamente é um livro de anotações que foi publicado somente em 1957 como documento, mas achei que isto era ideal, porque se você coloca em ordem alfabética, fica muito claro que não é uma narração e também há a proposta de ler o livro não alfabeticamente e começar por qualquer coisa que você goste. Neste sentido tem uma inspiração literária. E falando em literatura que eu gosto, minha editora na Alemanha decidiu publicar *Depois de 1945* como literatura, no setor de literatura. Adoro, acho interessante, abre um público diferente, mas eu gostaria de insistir que apesar de eu não ter tido esta intenção, foi uma coisa que aconteceu. Eu diria também, que hoje em dia gosto muito de poesia, gosto de ler poesia, recitar poesia, eu tenho ambição de escrever poesia, então eu não estou evitando a literatura. Não tenho nada contra literatura. Eu também não tenho aquela leitura de que a literatura é uma conspiração política, só não me considero professor de literatura. Na verdade me sinto muito mais à vontade numa discussão entre historiadores e filósofos e não em um departamento de literatura. Há algo interessante do Rorty. Richard Rorty em Stanford estudava literatura comparada e não filosofia. O Rorty era como eu só que ao contrário: apesar de ser filósofo, ele gostava mais do departamento de literatura que do departamento de filosofia.

Julio Bentivoglio: Em seu texto introdutório do livro *Making sense in life and literature*, intitulado *How much sense does sense making make? Californian retrospective to a german question* você problematiza a incessante necessidade de nosso tempo construir sentido. Este afastamento do sentido, em suas ideias, pode

ser eleito como o maior empreendimento epistemológico de sua carreira intelectual?

Gumbrecht: Basicamente, como falei ontem, havia aquele peso da tradição alemã e também aquela antipatia com aquele orientador, que era o *campeão*, o *craque* da hermenêutica. Então existia sempre uma irritação que também se encontra na obra de Friedrich Kittler, pioneiro nos estudos sobre mídias na Alemanha. Ele morreu ano passado, mas é da mesma geração. Isso existia na nossa geração, talvez tardiamente, uma reação. Uma reação no contexto do *Mai de 68*, uma reação contra a autoridade da geração dos *pais*, os *pais* da geração de 1968. Isto existia, mas basicamente naquele momento eu estava meio confuso, é o comecinho desta reflexão sobre presença, sob o nome de *anti-hermeneutica*, *não-hermeneutica*. Mas, hoje em dia, já sei que seria absurdamente hipócrita pensar em não fazer *sentido*, como fala Heidegger em *Ser e tempo*, *interpretar não é uma coisa que você decide, a gente interpreta todo tempo, eu não consigo parar de interpretar*. Não posso não interpretar o mundo.

Minha intenção é complexificar. Quer dizer que é integrar, fazer justiça àquela dimensão igualmente importante, mais substancial no sentido físico da nossa vida que é uma propriedade material, que é, por exemplo, uma questão como esta mesa, o barulho no fundo, o tempo que está fazendo tem uma influência sobre a nossa conversa normalmente subestimada. Eu acho que a tarefa do intelectual, que permanece é esta, tornar o mundo mais complicado. Acho que a gente não tem obrigação de trazer apenas soluções.

Julio Bentivoglio: Talvez, seus trabalhos mais importantes para os historiadores, para a disciplina histórica sejam *Em 1926* e o livro *Modernização de sentidos*. Estes livros poderiam ser entendidos como um esforço de propor também instrumentos teórico-metodológicos para pesquisas ou investigações históricas?

Gumbrecht: Olha, são dois livros bem diferentes. A escolha dos artigos para *Modernização dos sentidos* foi do professor Luiz Costa Lima. Eu achei muito boa. Não sei se teve sucesso, mas o impacto do livro eu achei que seria

interessante, a combinação que ele fez eu acabei entendendo muito bem, mas foi um livro muito menos programático necessariamente.

Eu gosto de ver que pessoas nos departamentos de história estão trabalhando com meus textos. Ao mesmo tempo eu tenho certo ceticismo com isso de metodologia. Em primeiro lugar porque eu acho que quando se fala tanto de metodologia, recorda-me um pouco uma reação de *primos pobres* dos cientistas naturais. Na Ciência Natural, se você está fazendo, sobretudo, um experimento, você precisa de metodologia até para evitar explosões ou catástrofes em laboratório. Você precisa de metodologia no sentido de método que é assim: você precisa de um caminho pré-determinado para chegar. Eu acho que nas Ciências Humanas, a gente fala de metodologia demais, de pesquisa demais. E eu acho que poucas vezes se está fazendo pesquisa. Claro às vezes se descobrem documentos, novos manuscritos, tudo isso existe, mas relativamente nada comparado com as Ciências Naturais e eu acho que basicamente nosso trabalho consiste em uma direção básica: a intuição. Você fica aberto para intuições, eu acho que isso é muito importante. Eu acho que existe uma razão para eu tentar estar na vida intensamente. É aquela coisa da imersão para talvez ter intuições novas. Por exemplo, aquela *coisa da concorrência e da simultaneidade entre os dois cronótopos* foi uma intuição que fui elaborando. Elaborar uma intuição, eu chamaria quase de meditação. Desde que eu comecei em 1997, estou sempre retomando, aquela coisa de presença, da imersão, da *presentificação* em um sentido mais complexo, por isso digo *latência*, falo em *clima (stimmung)*, que é uma complexificação disto. Portanto, eu diria não uma *metodologia*, mas uma forma de *reflexão*.

Então, finalmente eu gosto de ver pessoas como vocês no Brasil, por exemplo, que é um país muito intenso. Eu acho que os dois países onde eu tenho maior recepção são Brasil e Alemanha. Os Estados Unidos é basicamente porque estou lá, fazendo parte disto, mas eu adoro ver as pessoas tomando o que eu estou fazendo como intuição, como ponto de referência, como uma reflexão, mas seria um horror para mim ter uma *escola*, no sentido de pessoas trabalhando como na Espanha, com ferramentas de meu pensamento ou instrumentos de meu pensamento. Acho chato. Pouco

interessante para mim, porque com isto eu me lembro de meu orientador que queria fazer uma *escola*. Você acaba com um complexo de controle: *já tenho um aluno que não é fiel, que não está fazendo exatamente o que eu quero fazer*. Então eu acho um horror, pouco produtivo e acho até um erro, sobretudo lógico no mundo das Ciências Humanas. Tem hoje em dia uma coisa de *missionário*, que é assim: *não é ciência se você não falar em metodologia, mas se você falar em metodologia nas Ciências Humanas não é realmente no sentido exato*. É como dizer: *você tem que começar fazendo x, e o próximo passo vai ser aquela coisa*. Você deve ler um texto meu, achar interessante e ir fazendo suas coisas. Isto é que é interessante para mim.

Thiago V. Brito: Em que medida, na sua opinião, a História e seus debates geraram questões para Teoria literária e ao mesmo tempo, como a Teoria Literária e suas ferramentas podem auxiliar o trabalho dos historiadores?

Gumbrecht: Eu tenho impressão de que tradicionalmente houve pouco contato. Você pode apontar momentos históricos de certa proximidade. Julio Bentivoglio disse que gosta do Gervinus. O Gervinus era um *germanista* com a ambição de escrever uma história nacional da literatura e de repente isso foi muito importante para a reflexão sobre como fazer isto no século XIX na Alemanha. Houve outro momento mais recente, no início do que é hoje o *new historicism*, o surgimento de Hayden White que durante toda vida dele foi professor de literatura. Ele começou como um estudioso da literatura medieval. Era completamente um professor de literatura. Então existem aqueles momentos decisivos, mas eu acho que basicamente minha experiência na Alemanha é interessante. Na Alemanha se fala muito do grêmio de historiadores, como se fosse um grêmio, como se fala em alemão *zunft*, o grêmio (*zunft*) dos açogueiros, o grêmio (*zunft*) dos sapateiros etc. Então é uma consciência bem definida, na maioria dos países em que a história é *práxis*, que tem as suas regras. Você pode muito bem dizer: *este orientando já está quase avançando etc*. Nesse sentido eu achava que aquela visão de história institucionalizada era bastante fechada. Do outro lado, na literatura existia tradicionalmente um fechamento semelhante. Era bom, mas eles só

trabalhavam com textos literários. Então eu acho que em certos momentos históricos seria interessante escrever aquela história onde existem aproximações produtivas, frutíferas. Eu também diria naturalmente que os grandes *craques* tem maior abertura, como o Gervinus, ou como o Hayden White. Um caso quase triste, um dos grandes historiadores, um de meus grandes amigos de qualificação cinquenta anos depois, é o de Roger Chartier. O Chartier faz a história do livro e isso tem uma grande proximidade com a literatura. Mas ao mesmo tempo eu acho que o trabalho do Chartier, infelizmente hoje em dia, é típico daquela mentalidade de um grêmio. Foi se fechando: *não, isto não é literatura, aqui nós temos que fazer história do livro*. Acho que ele sente que talvez tenha um pouco de rigidez que não é nada da natureza dele, é por questões da própria disciplina história. Existe uma coisa interessante na literatura, que eu não consigo explicar, que é a identidade da disciplina que se fazia na segunda metade do século XX, porque interessantemente se tornou o motor das Ciências Humanas. Eu diria que entre 1950 e 1990, esse motor foi sem dúvida nenhuma a literatura. Tudo tinha que passar pela literatura. O Foucault para ter sucesso, tinha que passar pela literatura, pelos departamentos de literatura. Mesma coisa com o Derrida. Eu não sei, não sou grande fã dele, mas infelizmente é um filósofo importante. O sucesso dele teve que passar por departamentos de letras nos Estados Unidos. Então por causa daquela centralidade, daquela intensidade e que de novo, eu não sei muito bem explicar porque foi assim, eu acho que se desfazia muito mais da história que dos estudos literários. Eu até acho que hoje existe uma certa volta, um certo retorno. Quanto a mim, por exemplo, não foi por acaso que quando faço essa descrição dos anos 1950 uso tanta literatura. Não porque sou professor de literatura ou porque acho que literatura é melhor, mas porque acho que estou percebendo que textos literários têm a capacidade de absorver climas históricos, por isso estou retornando.

Thiago V. Brito: Sua discussão sobre a produção de presença revela uma preocupação com experiências marcadas pela materialidade e pela redução

das interpretações. Como avalia a possibilidade dessa discussão auxiliar os historiadores em relação à linguagem e a referencialidade do passado?

Gumbrecht: De novo, eu não tenho nada contra interpretar, nem tampouco contra as Ciências Humanas se concentrarem em parte sobre institucionalização da interpretação, que com certeza é importante. Eu não seria maluco, por exemplo, para ir contra a *análise de discurso*, eu acho isso importante. Mas vou repetir uma coisa, o problema para mim é assim: eu acho que aquele sonho de referencialidade produz a energia de nossas culturas de passado, nossas culturas de história e se você abandona isto completamente, eu tenho o temor que então você vai acabar basicamente, por produzir uma infinidade de variações de certos temas, uma música ruim sempre tocando a mesma coisa, vai perdendo aquele fascínio. Eu acho interessante que apesar da sua abertura literária na escrita, nem o historicismo fica muito longe do fascínio central do passado de hoje. Sabe-se que os museus históricos são hoje mais visitados do que nunca na história. Então eu acho que existe aquele fascínio de imersão no passado. Quando você leva à sério a *linguistic turn* até o ponto de dizer que devemos abandonar a referencialidade, somos obrigados então a abandonar aquele sonho de poder tocar objetos do passado. Isso eu acho que pode ter consequências graves. Eu vou dar um exemplo. Grande parte do fascínio da obra do Foucault, e eu aprecio muito Foucault, tem a ver com uma construção que Foucault falava, por exemplo, das punições corporais. Mas Foucault não estava falando exatamente disso, Foucault está falando de discursos que tornam possíveis aquelas punições, que ele discute claramente, afirmando que não podemos ir além disso. Nesse sentido acho interessante aquela última obra do Roland Barthes, que só recentemente foi publicada, sobre a semiótica. Ele fala no final daquela sugestão de referencialidade e por isso que fica fascinante. Ele, que saiu do prédio de Collège de France e foi atropelado por um carro.

Julio Bentivoglio: Era um carro de lavanderia eu acho. Penso que foi Terry Eagleton que faz menção a isto de uma maneira bem irônica.

Thiago V. Brito: Existe uma brincadeira aqui no Brasil também, mencionando que vários intelectuais morreram atropelados.

Julio Bentivoglio: Sim, algo como os intelectuais ficam tão imersos no próprio pensamento que perdem a referência do mundo real.

Gumbrecht: Eu vou ao *Collège de France* a cada dois anos e sempre que estou saindo tomo cuidado [risos]. Não é bem isso. É porque é uma rua muito movimentada, cheia de carros que acaba a uma quadra de Saint-Michel. E lá tem muito trânsito. E quando você sai do *Collège*, já é a rua.

Thiago V. Brito: No livro *Em 1926*, você faz críticas duras ao *New Historicism* e a tendência dos historiadores acreditarem que estão inventando realidades históricas quando estão escrevendo história. A consequência disso seria uma história excessivamente política e infestada de paixões. A História com bases na presença, tal qual proposta em seu livro, ficaria isenta de uma perspectiva da política e de suas paixões?

Gumbrecht: Eu poderia para provocar dizer que sim. Eu acho interessante, professores de Ciências Humanas quererem ser políticos, afinal se você que ser político, a escolha de uma profissão na área de Humanas é completamente idiota. É como se fosse um jogo de futebol e dois jogadores intencionalmente ficassem fora de jogo, sem poder marcar o gol. Então você tem implicações políticas, mas comparada com qualquer outra profissão como economista, jurista, e até médico, fica bastante longe. Nesse sentido eu acho que toda essa ambição de ser político vem talvez do momento de constituição das Ciências Humanas como um grupo de disciplinas, que aconteceu em torno de 1900 na Alemanha e a decisão naquele momento de se concentrar exclusivamente na formação de sentido, estabelecendo que a interpretação era o critério da formação de sentido de qualquer disciplina que queria fazer parte das Ciências Humanas. Eu tenho impressão de que desde então ocorreu um trauma, logicamente com a perda do mundo das coisas, com a perda de concretude. Então eu penso que aquela coisa, muito de

minha geração, de querer ser político, é uma compensação daquele trauma eterno. De novo, eu não tenho nada contra a pessoa querer ser político, mas existem outras coisas onde eu posso ser melhor. Então eu não acho ontologicamente negativo, textos de Ciências Humanas ficarem penetrando nas paixões políticas. Só que, de certa forma, acho que um é campo de jogo errado. Existem muitos, principalmente entre a minha geração, que quando eram mais novos trabalhavam oito horas no dia para as Ciências Humanas, mas no seu tempo livre estavam no partido. Algo completamente lícito. Não é que sou contra, só que é muito estranho, na nossa profissão. Muitas vezes essa ambição de ser absolutamente político enfraquece a energia de nosso trabalho intelectual. Eu por exemplo, imagino que *Em 1926* é um livro que tem um impacto. Eu não posso imaginar o livro ter o mesmo impacto se eu tivesse tentado fazer programaticamente uma coisa, se tivesse tentado passar uma mensagem política, é mais uma coisa de intuição. Eu não tenho uma ambição de manter meu trabalho *limpo* ou *neutro*. No *blog* onde escrevo, por exemplo, estou falando de coisas diretamente políticas, só que lá são textos completamente diferentes. E lá eu não vou falar de política todo o tempo.

Thiago V. Brito: Em sua última conferência no Brasil, em Mariana, você ressaltou que não gosta de falar de política. No entanto, seus escritos são recheados de uma sutileza política que ora se manifesta em um saudosismo de ideais próximos ao marxismo do início de sua carreira, ora se manifestam numa crítica mais dura à sua geração intelectual e suas tentativas de sempre querer mudanças, inclusive no campo epistemológico. Você poderia traçar um panorama, ainda que breve, de como é o seu entendimento de *política* atualmente?

Gumbrecht: É difícil, mas tenho a impressão, que às vezes estou pensando que não se fala realmente disso. Penso que existe uma razão de falar em uma idade pós-política. Eu acho que o conceito prático de *política* necessariamente depende de um futuro aberto, sobretudo um horizonte aberto de possibilidades e qualquer fala política, qualquer ação política é sempre no presente, muitas vezes perdemos o passado e a escolha de se formar um

futuro. De forma que o discurso petista, por exemplo, sem dúvida um dos movimentos políticos de maior sucesso no século XX e XXI, indica que tudo é para *um Brasil melhor*. Ou aquele slogan de agora: *país rico é país sem pobreza*. Acho ótimo. Porque é isso, sem pobreza, ou não se tem futuro. Eu não teria capacidade de julgar, o aquecimento global ou o aumento demográfico, em profundidade. Penso que a preocupação central da política é cada vez mais a de evitar situações péssimas. Então nesse sentido talvez seja uma situação onde a gente precisa menos de discussões parlamentares, mas de uma competência maior de peritos. Para mim isto é um sonho, não estou dizendo: *que bom que já não é política*. Acho ruim. Mas penso que talvez uma certa saudade, uma certa melancolia é inevitável. Inevitável hoje em dia. Porque muitas vezes quando se fala em *pós-político*, fala-se às vezes: *oh, que horror, a gente precisa voltar à política*. É como se fala muito nos Estados Unidos hoje em dia *reencantamento do mundo racional*. Adoraria, estou fazendo isto, mas ao mesmo tempo eu acho que não é uma escolha racional. Por exemplo, toda a *informática* saiu historicamente de Stanford. Obviamente a origem da *informática* é Stanford. E até hoje existe uma *osmose* entre Stanford e o *Silicon Valley*. Os dois fundadores da Google, eram dois alunos de graduação. Os dois nunca concluíram seu curso. O nosso reitor era seu orientador e por isso ele está vinculado com o Google. Agora eu pessoalmente acho aquele mundo eletrônico um horror, absolutamente um horror. Mas eu não tenho a esperança, nem a ilusão de que a gente agora tenha eletrônica demais, e devemos dar dois passos atrás. Não, isto não é possível e neste sentido acho que, cada vez mais o que era antigamente política parece um espaço onde se luta contra o surgimento de algo pior. Como falei, traz pouco fascínio para mim, mas o país no mundo que parece funcionar melhor hoje é a China e a China não tem programaticamente um espaço público. A China não tem espaço político. Ela tem técnicos de política que parecem direcionar o país bem para a maioria dos três bilhões de chineses. Mas, eu não tenho a competência necessária para fazer esta análise.

Última nota ao pé da página, eu, como todo mundo da minha geração era marxista. Era inevitável, em 1968, ser marxista. A primeira coisa antes de me matricular na universidade de Munique ao chegar, foi me inscrever no

movimento socialista-comunista de alunos. Uma história pessoal que você irá encontrar no livro *Depois de 1945*. É que eu fiquei muito decepcionado relativamente cedo, embora hoje em dia muitas vezes eu me encontro quase paradoxalmente na posição de defender o marxismo. Claro, entre suas propostas antropológicas e políticas mais utópicas no bom sentido, entendendo-as como um fenômeno histórico que tem uma dignidade enorme. Para mim é importante que as crianças, até meus alunos, saibam que algo assim existiu. Não está garantido hoje em dia que saibam o que é marxismo. Nesse sentido eu não estou defendendo o marxismo como proposta prática hoje, acho que não funcionou e não funcionou pelo otimismo inerente que é normal. O homem não quer enfatizar o seu próprio sucesso, a sua própria riqueza e sua própria generosidade... Foi o experimento mais doloroso na experiência humana e até no Brasil, eu não acho que o PT seja marxista. É bem um partido social-democrata, bem inteligente que com grande sucesso começou com um líder muito carismático, mas de marxismo tem bem pouco.

Thiago V. Brito: Em uma entrevista dada a revista *Floema* de Teoria e História da Literatura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em 2005, você se confessou temeroso certa vez em pensar uma questão colocada por Jacques Derrida sobre o pensamento de Heidegger. A questão era: *Martin Heidegger poderia ter sido um dos maiores pensadores do século XX sem sua proximidade com a ideologia nazifascista?* Qual seria a resposta mais aceitável para essa questão na sua visão?

Gumbrecht: Acho que o Rorty, eu não sei onde, ele tem uma resposta muito linda, irônica a este respeito. Porque o Rorty é um grande escritor. E falou na necrologia do Heidegger no New York Times: *não foi um grande filósofo do século XX, mas talvez o melhor autor filosófico do século XX*. Ele escreveu uma ficção sobre Heidegger continuar com Hannah Arendt, casar-se com Hannah Arendt (Hannah Arendt era judia). E de sair da Alemanha em 1933 e emigrar para os Estados Unidos junto a Hannah Arendt e se tornar professor americano para desenvolver uma obra muito melhor. A impressão mais importante, naquele sentido de inspiração, é que mesmo tendo nascido na

Alemanha eu tenho horror à biografia dele e nesse sentido eu gostaria de encontrar uma resposta e dizer que não, ao contrário, sem a proximidade ele teria sido um filósofo ainda melhor, que é a cara da ficção do Rorty, muito bem escrita. Eu acho Heidegger tardio mais fascinante, enquanto para Rorty é o Heidegger do *Ser e tempo*. Falando mais precisamente, existia aquela coisa da revolução conservadora. Revolução conservadora é um conceito inventado por um poeta austríaco e que não tem nada de ideológico. Pode-se enfim dizer que a ideologia fascista, que o fascismo italiano era inspirador para uma parte do partido nazi no início e que depois foi completamente eliminado quando se eliminou factualmente as S.A. em 1934. Depois é puramente nazismo. Mas a ideologia fascista, por exemplo, lendo o artigo parece que escrito por Mussolini na Enciclopédia Fascista Italiana sobre fascismo, um bom artigo, esboça uma certa perspectiva. Tem uma certa proximidade com a revolução conservadora. Esta revolução conservadora tem um renascimento hoje com as ideias horrorosas de Carl Schmidt, que politicamente é cem vezes pior do que o Heidegger. Porque é a alternativa daquela sequência de pensamento que chegou à virada linguística. Não quero demonizar a virada lingüística, mas ela tem aquelas consequências que a gente falou. Então precisamente a alternativa de fins do século XX tem muito a ver com posições da revolução conservadora e nesse sentido o efeito existe, quase no nível *foucaultiano*, falando no nível dos discursos que tem uma proximidade com o nazismo e nesse sentido eu penso que a resposta correta seria, que provavelmente não, sem aquela proximidade a obra dele não teria necessariamente aspectos distintivos. O que é importante em Heidegger, para mim, é que Heidegger vai muito longe no desenvolvimento do pensamento sobre a linguagem, bem diferente e muito além da corrente mais dominante do século XX, que chega à virada linguística. Nesse sentido eu temo que a resposta seja: que não podia. Heidegger basicamente se posiciona completamente contra o partido nazista naqueles meses de 1934. Ele nunca falou abertamente, mas ele escreve no seu diário: *temo que o momento nacional esteja se desviando*. Então ideologicamente ele permanece fascista. É interessante que ele viaja a Roma em 1934 ou 1935. Mas infelizmente, eu gostaria de dizer que na obra dele, há uma semelhança ao nazismo, que não o

torna nazista. Uma coisa interessante. Mas isso já numa crítica biográfica. Biograficamente, a famosa palestra inaugural de Friburgo, da sua reitoria em Friburgo, tem uma posição completamente fascista, sendo que ele deu aquela palestra uniformizado, com a camisa *cáqui*, a camisa marrom como se fala em alemão, fazendo a saudação do *Heil, Hitler*. Aquilo foi um ritual fascista.

Thiago V. Brito: Muito obrigado pela entrevista, Gumbrecht.